



A missão do Triúno Deus e a missão da IECLB

P. Dr. Paulo Afonso Butzke

Núcleo de Produção e Assessoria da IECLB

De qual lugar você fala, quando fala em missão? E o que orienta e define o trabalho de missão em uma Igreja? Com este texto, proponho duas questões: 1. reafirmar e aprofundar definições missiológicas fundamentais da IECLB e relacioná-las à visão de crescimento integral da Igreja; 2. buscar nova inspiração nos fundamentos bíblico-confessionais, visando renovar a ação missionária da IECLB.

Para iniciar, destaco teses missiológicas consensuais, que orientam a definição de missão. A primeira é do teólogo alemão Jürgen Moltmann (1926-2024), que afirma: “Aprendemos ... que a Igreja não ‘tem’ uma missão, mas, ao inverso, é a missão de Cristo que cria sua Igreja. A missão não pode ser compreendida a partir da Igreja, mas a Igreja a partir da missão” (Kirche in der Kraft des Geistes, p. 23). A segunda vem do teólogo sul-africano David Jacobus Bosch (1929-1992): “A missão não é primordialmente uma atividade da Igreja, mas um atributo de Deus. Deus é um Deus missionário. (...) Participar da missão é participar do movimento do amor de Deus para com as pessoas, visto que Deus é uma fonte de amor que envia” (Missão transformadora, p. 468).

A partir daí, pode-se dizer que, a rigor, a Igreja não possui uma missão, pois ela participa da missão que o Deus Triúno realiza neste mundo, ela participa da Missio Dei. A formulação clássica da concepção da Missio Dei tem sua origem na Conferência Missionária de Willingen, realizada na Alemanha, em 1952. Ela supera uma concepção eclesiocêntrica, europeia e norte-americana de missão, geralmente aliada a interesses coloniais, típica para o século XIX e as primeiras décadas do século XX. A Missio Dei estabelece uma concepção teológica de missão, fundamentada na teologia da Trindade.

Na Declaração final da Conferência de Willingen, lemos que “O movimento missionário, do qual somos parte, tem sua origem no Triúno Deus. Da profundidade de seu amor por nós, o Pai enviou seu filho amado para reconciliar todas as coisas consigo, para que todas as pessoas – através do Espírito Santo – se tornem um com o Pai ... Em Cristo somos destinados à participação plena em seu envio. Não podemos ter comunhão com Cristo sem participar de sua missão no mundo. As obras de Deus através das quais a Igreja recebe sua existência são as mesmas que a comprometem à missão no mundo”.

Aqui, ainda não aparece a expressão Missio Dei. Esta foi cunhada pelo diretor da Missão de Basiléia, Karl Hartenstein (1894-1952), em relatório elaborado algumas semanas após a conferência. No texto, ele escreve que o “envio do Filho para a reconciliação do universo através do Espírito é o fundamento e o objetivo da missão. Da Missio Dei, e



apenas dela, surge a *Missio ecclesiae*. Desta forma, a missão está estabelecida de forma abrangente na história da salvação e no plano salvífico de Deus”.

Trago passagens bíblicas clássicas que são a base para a afirmação de que o Deus Triúno é missionário e sua natureza é o envio. Na palavra de Gálatas 4.4-5, lemos *“Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho ... E Deus enviou o Espírito de seu Filho ao nosso coração”*. Em João 17.18, *“Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo”*. E em João 20.21, *“Que a paz esteja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês”*.

Temos, então, diferentes envios. O Pai, que não é enviado, revela seu coração missionário no envio do Filho e do Espírito Santo para que tornem a criação plena; o Filho é enviado para a redenção do mundo; o Espírito Santo, que participa com o Pai e o Filho na criação, na encarnação do Filho, é enviado a renovar a criação e a tornar o Reino pleno; finalmente, a Igreja é enviada pelo Filho a proclamar o Evangelho e a viver o Reino, e é capacitada pelo Espírito a dar testemunho diante do mundo. Retomando Bosch, entendemos que *“A missão tem sua origem no coração de Deus. Deus é uma fonte de amor que envia. Esse é o manancial mais profundo da missão”* (Missão transformadora, p. 470).

Sobre o relacionamento da Trindade no *“coração de Deus”*, o Plano de Ação Missionária da IECLB, o PAMI, formulou: *“Sempre que nos referimos a Deus como Triúno – Pai, Filho e Espírito Santo – aludimos ao fato de que Deus é, antes de tudo, comunhão viva e relação dinâmica movida pelo infinito amor divino. As pessoas da Trindade, além de compartilharem a mesma substância, existem umas para as outras, vivem uma interdependência caracterizada pelo mútuo dar e receber”* (PAMI 2008-2012, texto base, p. 41).

Desta forma, o PAMI afirma que a generosidade mútua e a autodoação completa são as marcas essenciais do relacionamento intratrinitário. O Pai doa tudo ao Filho, que, em obediência, doa tudo ao Pai. A criação é dádiva do Pai ao Filho (Colossenses 1.16: *“Pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra ... Tudo foi criado por meio dele e para ele”*). A encarnação expressa a autodoação do Filho ao Pai. E, ao final da história da salvação, quando o Reino for pleno, o Filho dará a criação redimida de volta ao Pai (1 Coríntios 15.24: *“E então virá o fim, quando ele entregar o Reino ao Deus e Pai”*).

No entanto, a generosidade mútua entre Pai e Filho não permanece entre eles. Através do Espírito Santo, ela é partilhada. O amor intratrinitário transborda através do envio do Espírito Santo. Ele procede do Pai e do Filho para comunicar, revelar e tornar concreta a obra da Trindade na história da salvação.

O PAMI aborda a comunicação do amor divino ao mundo ao afirmar que *“A comunhão divina, porém, não é fechada, não se basta a si mesma, mas transborda com o desejo de incluir tudo e todos nesta comunhão amorosa. A missão divina que daí nasce tem dimensões cósmicas, incluindo a renovação de toda criação, a instalação definitiva do Reino, a redenção da humanidade caída e a edificação da Igreja. A Igreja que brota da ação missionária e redentora de Deus, portanto, tem a comunhão na sua essência, no seu DNA”* (PAMI 2008-2012, texto base, p.41).



Dito de outra forma, se nosso foco for só a manutenção e o atendimento, então pouca ou nenhuma energia será destinada para a missão. Os resultados, a médio e longo prazos, serão a estagnação e o decréscimo das comunidades. No entanto, se nosso foco for a missão, então a vida eclesial será dinamizada e provavelmente iremos experimentar renovação da vitalidade de nossas comunidades e o crescimento de nossa Igreja. Dessa dinâmica depende nosso futuro.

Para a IECLB poderia significar que, se a preocupação conosco mesmos diminuir e o desejo de participar da missão de Deus crescer, vamos experimentar, paradoxalmente, crescimento integral e um bom futuro como Igreja. E aqui lembro a conversão de mentalidade proposta por João Batista diante da realidade da presença de Cristo e seu Reino: “Convém que ele cresça e que eu diminua” (João 3.30).

<inserir link/QR para o vídeo da palestra disponível no portal>